

TOPONÍMIA INDÍGENA E A EXPRESSÃO DA FÉ: ANÁLISE DOS NOMES DE COMUNIDADES DE SÃO DOMINGOS DO CAPIM/PA

INDIGENOUS TOPOONYMY AND THE EXPRESSION OF FAITH: ANALYSIS OF THE NAMES OF COMMUNITIES IN SÃO DOMINGOS DO CAPIM/PA

TOPONIMIA INDÍGENA Y LA EXPRESIÓN DE LA FE: ANÁLISIS DE LOS NOMBRES DE LAS COMUNIDADES DE SÃO DOMINGOS DO CAPIM/PA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n10-264>

Data de submissão: 28/09/2025

Data de publicação: 28/10/2025

Jeconias Monteiro de Araújo
Especialista em Ciências Jurídicas
E-mail: jmda2018@gmail.com
Orcid: 0009-0009-6942-1261
Lattes: 0424259154296371

João Maciel Silva Rosa
Mestrando em Ações Antrópicas na Amazônia
Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)
E-mail: jmsrosa@live.com
Orcid: 0009-0006-3582-4204
Lattes: 1947220607043197

Odair Machado da Silva
Pós-graduação em Docência do Ensino Superior e Neuropsicologia
Instituição: Polícia Militar do Pará (PMPA)
E-mail: odairsil85@gmail.com
Orcid: 0009-0005-9863-9543
Lattes: 3060050088993506

Werley Walderick Teixeira de Melo
Especialista em Direito Militar, Curso Mercados Ilícitos e Crime Organizado nas Américas
Instituição: Universidade de São Paulo (USP), Polícia Militar do Pará (PMPA)
E-mail: werleysdc@yahoo.com.br
Orcid: 0009-0000-9906-0617
Lattes: 1091301034283544

Anderson Barbosa Barreto
Especialista em Direito Militar
Instituição: Polícia Militar do Pará (PMPA)
E-mail: andersonz9@proton.me
Orcid: 0009-0002-0680-1581
Lattes: 3557278098309105

Joseneide dos Santos Souza
Pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado (AEE)
E-mail: joseneidesouza88@gmail.com
Orcid: 0009-0003-6167-5212
Lattes: 5554188576275358

Rafaela Araújo Ferreira
Pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado (AEE)
E-mail: rafaelaferreira12042@gmail.com
Orcid: 0009-0005-6748-944X
Lattes: 8029717174135407

Rodrigo William Teixeira da Silva
Bacharel em Direito
Instituição: Polícia Militar do Pará (PMPA)
E-mail: williamguardiao18@gmail.com
Orcid: 0009-0004-9394-7558
Lattes: 3895827752897969

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise dos topônimos de comunidades do município de São Domingos do Capim, no estado do Pará, sob a perspectiva da toponímia como ramo da onomástica. Busca-se compreender como a herança indígena, especialmente tupi, e a religiosidade popular se manifestam na nomeação dos lugares. O estudo fundamenta-se no modelo taxonômico de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990), com ênfase nas taxonomias de natureza antropocultural. A pesquisa, de caráter qualitativo e descritivo, seguiu quatro etapas: pesquisa bibliográfica, coleta de dados em mapas oficiais, organização dos topônimos e análise linguística e etimológica. Os resultados revelaram a forte presença de topônimos híbridos (Tupi-Português) e uma expressiva predominância de hagiotopônimos (35,2%), indicando a coexistência entre a herança linguística indígena e a influência religiosa na formação cultural da Amazônia.

Palavras-chave: Toponímia. Língua Tupi. Hibridismo Linguístico. Religiosidade Popular. São Domingos do Capim.

ABSTRACT

This article presents an analysis of the toponyms of communities in the municipality of São Domingos do Capim, in the state of Pará, from the perspective of toponymy as a branch of onomastics. It aims to understand how the indigenous, especially Tupi, heritage and popular religiosity are manifested in the naming of places. The study is based on Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick's (1990) taxonomic model, with emphasis on anthropocultural taxonomies. The research, qualitative and descriptive in nature, followed four stages: bibliographic review, data collection from official maps, organization of toponyms, and linguistic and etymological analysis. The results reveal the strong presence of hybrid toponyms (Tupi-Portuguese) and a significant predominance of hagiotoponyms (35.2%), indicating the coexistence between indigenous linguistic heritage and religious influence in the cultural formation of the Amazon region.

Keywords: Toponymy. Tupi Language. Linguistic Hybridity. Popular Religiosity. São Domingos do Capim.

RESUMEN

Este artigo apresenta uma análise dos topônimos de comunidades do município de São Domingos do Capim, no estado do Pará, sob a perspectiva da toponímia como ramo da onomástica. Busca-se compreender como a herança indígena, especialmente tupi, e a religiosidade popular se manifestam na nomeação dos lugares. O estudo fundamenta-se no modelo taxonômico de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990), com ênfase nas taxonomias de natureza antropocultural. A pesquisa, de caráter qualitativo e descritivo, seguiu quatro etapas: pesquisa bibliográfica, coleta de dados em mapas oficiais, organização dos topônimos e análise linguística e etimológica. Os resultados revelaram a forte presença de topônimos híbridos (Tupi-Português) e uma expressiva predominância de hagiotopônimos (35,2%), indicando a coexistência entre a herança linguística indígena e a influência religiosa na formação cultural da Amazônia.

Palavras-chave: Toponímia. Língua Tupi. Hibridismo Linguístico. Religiosidade Popular. São Domingos do Capim.

1 INTRODUÇÃO

O estudo da toponímia, ramo da onomástica dedicado à investigação dos nomes de lugares, revela não apenas aspectos linguísticos, mas também traços da história, da cultura e da identidade de um povo. No Brasil, a formação toponímica está profundamente ligada ao contato entre línguas e culturas — especialmente entre o português e as línguas indígenas, como o tupi, que, nos primeiros séculos da colonização, foi amplamente falado na região litorânea e, posteriormente, em áreas do interior. Embora o português tenha se consolidado como língua dominante, o tupi deixou marcas indeléveis na língua e na cultura brasileira, perpetuando-se em nomes de rios, povoados e comunidades.

Ao contrário do português, em que o signo linguístico tende a ser arbitrário, as palavras de origem tupi carregam motivações semânticas intrínsecas, muitas vezes revelando características da paisagem, da fauna ou da flora. Essa forma de nomear reflete uma percepção de mundo em que a linguagem e a natureza se entrelaçam, permitindo compreender a visão simbólica e ambiental dos povos originários. Desse modo, estudar os topônimos é também resgatar fragmentos da história e da cosmovisão indígena, ainda presentes na toponímia brasileira.

No caso do município de São Domingos do Capim, localizado no nordeste paraense, observa-se uma interessante convergência entre a herança linguística tupi e a religiosidade trazida pelos colonizadores. A própria denominação do município tem origem nesse encontro cultural:

“A denominação São Domingos do Capim tem sua origem na época dos colonizadores, missionários, que passaram a nomear as vilas, povoados e capitania com nomes de santos e santos como seus padroeiros. Os padres adotaram uma maneira sincrética de nomeação, na qual o nome dos santos era seguido dos apelidos dos rios, e assim nasceu São Domingos do Capim” (BENCHIMOL, 1995, p. 199, apud ANDRADE, 2016, p. 27).

A presente pesquisa propõe analisar os topônimos das comunidades do município de São Domingos do Capim sob a perspectiva da toponímia como ciência linguística e cultural, buscando compreender como a herança indígena — em especial a língua tupi — e a religiosidade popular se manifestam na nomeação dos lugares. O estudo baseia-se no modelo taxonômico proposto por Dick (1990), com ênfase nas taxonomias de natureza antropocultural, e fundamenta-se em um método qualitativo e descritivo que inclui a coleta, organização e análise etimológica e classificatória dos topônimos registrados.

Mais do que um exercício linguístico, o presente trabalho é um esforço de valorização da memória e da identidade cultural amazônica. Ao compreender os nomes dos lugares como testemunhos históricos, reconhece-se que cada topônimo guarda em si uma narrativa — um elo entre o passado

indígena, o imaginário religioso e a vivência cotidiana das comunidades que habitam São Domingos do Capim.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A ONOMÁSTICA E OS ESTUDOS TOPONÍMICOS

Os estudos toponímicos integram um ramo da linguística conhecido como onomástica, responsável pela investigação dos nomes próprios e suas motivações. A onomástica divide-se em antroponímia — dedicada ao estudo dos nomes de pessoas — e toponímia, voltada à análise dos nomes de lugares, rios, povoados e acidentes geográficos. Trata-se de um campo interdisciplinar que dialoga intensamente com áreas como a história, a geografia, a antropologia, a psicologia e a cartografia, na medida em que o nome atribuído a um espaço revela aspectos físicos, culturais e simbólicos do meio e de seus habitantes.

Diferente do signo linguístico tradicional, caracterizado pela arbitrariedade, o signo toponímico é motivado — ou seja, apresenta uma relação de sentido entre o nome e o objeto nomeado. Conforme observa Dick (1990, p. 34), “o elemento linguístico comum, revestido, aqui, de função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ela designada”. Assim, o topônimo adquire um papel que ultrapassa a mera identificação espacial: ele funciona como registro histórico e cultural, condensando a relação entre o homem e o espaço.

Ainda que o topônimo seja parte integrante do sistema linguístico, sua função social e simbólica amplia-se. Dick (1990, p. 38) ressalta que, no ato de nomear, “o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado”. Dessa forma, o nome próprio de um espaço emerge da interação entre linguagem, cultura e ambiente, representando uma forma de expressão da experiência humana no território.

Com base nesse entendimento, o estudo dos topônimos busca identificar a motivação toponímica, isto é, as razões históricas, geográficas, culturais ou simbólicas que inspiraram o ato de nomear. Essa busca, como observa Dick (1990), envolve o diálogo entre diversos ramos do conhecimento. A história e a geografia, por exemplo, são fundamentais para compreender tanto as transformações espaciais e territoriais quanto a permanência de certos nomes ao longo do tempo. A antropologia e a psicologia, por sua vez, ajudam a interpretar o papel das crenças, valores e práticas culturais na nomeação dos lugares. A cartografia, por fim, registra oficialmente esses nomes, garantindo a preservação de sua forma e localização.

Em síntese, o topônimo é um “testemunho histórico” (DICK, 1990, p. 22), pois conserva, através do tempo, memórias coletivas, elementos culturais e transformações linguísticas. Nesse sentido, estudar os nomes dos lugares é uma forma de compreender a identidade e a memória das comunidades que os nomearam, visto que “é por via da linguagem que as pessoas se comunicam, se expressam, transmitem suas crenças mais antigas, organizam e estruturam seu pensamento” (ANDRADE, 2010, p. 99).

O ato de nomear, portanto, revela uma dimensão profundamente humana. Ao denominar um lugar, o homem imprime sobre o espaço sua percepção de mundo, suas crenças e experiências. Essa atividade envolve dois processos fundamentais, definidos por Dick (1990): o fazer onomasiológico, no qual o sujeito observa o meio e seleciona aspectos significativos da realidade para representar linguisticamente, e o fazer semasiológico, que consiste na atribuição de sentido e interpretação desses signos. Como observa Andrade (2010, p. 100), o percurso de nomeação envolve tanto a construção conceitual quanto a produção de significação, demonstrando que a linguagem é, simultaneamente, instrumento de nomeação e de interpretação do mundo.

Dessa forma, compreender os topônimos de uma região significa investigar os fatores que motivam o ato de nomear — sejam eles linguísticos, históricos, ambientais ou culturais — e reconhecer que o nome é sempre resultado de um encontro entre o homem e o espaço. Essa perspectiva dá à toponímia um caráter interdisciplinar e humanista, pois ela revela não apenas a origem das palavras, mas também as marcas deixadas pela experiência humana na paisagem.

2.2 OS ESTUDOS TOPONÍMICOS NO BRASIL

No Brasil, os estudos toponímicos tiveram início com as pesquisas etimológicas sobre palavras de origem tupi. Os primeiros estudiosos, como Theodoro Sampaio e Lemos Barbosa, voltaram-se à análise da estrutura linguística e do significado das palavras indígenas incorporadas ao português. Obras como *O Tupi na Geografia Nacional* (SAMPAIO, 1987) demonstram a importância do tupi na formação do léxico geográfico brasileiro, descrevendo a presença dessa língua em nomes de rios, cidades e acidentes naturais, além de mostrar como o contato com o português provocou adaptações fonéticas e morfológicas.

Outros estudiosos contribuíram para o avanço da área, como Armando Levy Cardoso, autor de *Toponímia Brasílica* (1961), que investigou a nomeação de localidades amazônicas. Já no campo acadêmico, o fortalecimento dos estudos toponímicos no país ocorreu, sobretudo, a partir da Universidade de São Paulo (USP), com pesquisadores como Plínio Ayrosa Galvão (*Estudos Tupinológicos*, 1967) e Carlos Drumond (Notas gerais sobre a ocorrência da partícula *tyb* do tupi-

guarani na toponímia brasileira, 1944), ambos dedicados à análise da língua tupi e de sua influência na formação dos topônimos nacionais.

Entretanto, a consolidação da toponímia como campo científico no Brasil deve-se, em grande parte, à obra da professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, também da USP. Sua tese de doutorado, publicada em 1990 sob o título A motivação toponímica e a realidade brasileira, constitui o marco teórico mais relevante para os estudos toponímicos contemporâneos. Nela, Dick propõe um modelo taxonômico de classificação dos topônimos baseado em fatores intralingüísticos (relativos à estrutura das palavras) e extralingüísticos (referentes ao ambiente, à cultura e à sociedade).

A partir desse modelo, a autora desenvolveu o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP), que serviu de base para pesquisas subsequentes, como o Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins (ATITO), elaborado por Karylleila dos Santos Andrade, com a mesma metodologia. Mais recentemente, Dick lidera o projeto do Atlas Toponímico do Brasil (ATB), que busca mapear, em escala nacional, a diversidade dos nomes de lugares e suas motivações linguísticas e culturais.

Essas contribuições reforçam a importância dos estudos toponímicos no país, especialmente em regiões como a Amazônia, onde a coexistência entre a herança indígena e a influência religiosa se manifesta de forma singular na nomeação dos espaços.

2.3 OS MODELOS TAXONÔMICOS DE DICK (1990)

Os modelos taxonômicos elaborados por Dick (1990) baseiam-se na estrutura e na motivação dos topônimos, reconhecendo que a nomeação de um lugar resulta da confluência entre o ser denominado (o referente geográfico) e o atributo que lhe é conferido pelo denominador. Desse processo surge o sintagma nominal que dá origem ao nome próprio do lugar, podendo ser formado por um único elemento (simples), por dois ou mais elementos (composto) ou por unidades provenientes de diferentes línguas (híbrido).

Com base nessas formações, Dick (1990) estabeleceu um sistema taxonômico composto por 27 categorias (taxes), divididas em dois grandes grupos: as taxonomias de natureza física e as taxonomias de natureza antropocultural. As primeiras estão relacionadas aos elementos naturais — como rios, vegetação, relevo ou clima —, enquanto as segundas estão associadas à experiência humana, às crenças, à organização social e à memória coletiva.

Entre as taxonomias físicas, destacam-se os fitotopônimos (relacionados à flora), como Mari (São Domingos do Capim/PA); os hidrotopônimos (relativos a corpos d'água), como Igarapé Cachoeira; e os litotopônimos (referentes à constituição do solo), como Itabocal. Já entre as taxonomias

antropoculturais, sobressaem-se os hierotopônimos — nomes de natureza sagrada, como Natividade —, os cronotopônimos, que indicam momentos históricos, como Nova Caminhada, e os poliotopônimos, que evocam a ideia de vila ou cidade, como Vila Nova (São Domingos do Capim/PA).

Essas categorias permitem compreender como o denominador, ao interagir com o ambiente, expressa sua visão de mundo por meio da linguagem. O predomínio de certas taxonomias em uma região revela aspectos identitários e culturais do povo nomeador, funcionando como espelho da relação entre o homem e o espaço. No caso da Amazônia, por exemplo, observa-se a presença marcante de topônimos híbridos (Tupi-Português) e hagiotopônimos, reflexo direto do contato entre a tradição indígena e a religiosidade trazida pelos colonizadores.

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo foi de natureza qualitativa e descritiva, estruturada em quatro etapas principais: pesquisa bibliográfica, coleta dos dados, organização dos topônimos e análise linguística e taxonômica. Cada fase foi desenvolvida de modo a garantir a coerência entre o referencial teórico de base e o corpus empírico, assegurando rigor científico à investigação dos topônimos do município de São Domingos do Capim.

3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A etapa inicial consistiu na revisão bibliográfica, voltada à construção do referencial teórico e à definição dos procedimentos analíticos. Foram selecionadas obras fundamentais para os estudos toponímicos, destacando-se *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira* (DICK, 1990), considerada a principal referência da área. Nesse trabalho, a autora propõe os modelos taxonômicos que orientam a classificação dos topônimos conforme suas características estruturais e semânticas, constituindo a base metodológica desta pesquisa.

Além de Dick (1990), utilizou-se o *Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins* (ATITO), elaborado por Karylleila dos Santos Andrade, que adota a mesma metodologia taxonômica. Essa obra apresenta não apenas a aplicação dos modelos propostos por Dick, mas também diretrizes práticas para o levantamento e análise de dados em materiais cartográficos.

Complementarmente, foram consultadas obras clássicas da etimologia indígena: *O Tupi na Geografia Nacional* (SAMPAIO, 1987), o *Dicionário Tupi-Português* (TIBIRIÇÁ, 1984) e o *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi* (CUNHA, 1978). Esses materiais permitiram verificar a origem e o significado dos topônimos coletados, além de registrar as transformações fonéticas decorrentes do contato entre o tupi e o português.

Nos casos em que o termo pesquisado não se encontrava nas fontes dicionarizadas, recorreu-se a estudos complementares, como o de Ruiz e Alencar (2004), que aborda o vocábulo patauá no contexto botânico da Amazônia.

Para a contextualização histórica do município, foram consultadas obras locais e regionais, como Capim: sua história, contos e mitos, de Rogério Pereira, e a Grande Enciclopédia da Amazônia, de Carlos Rocque, além de dados oficiais disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que forneceram informações sobre a formação administrativa e territorial de São Domingos do Capim.

3.2 COLETA DOS DADOS

A segunda etapa envolveu a coleta dos topônimos de origem indígena no município de São Domingos do Capim. O levantamento foi realizado in loco, com visita a órgãos públicos e instituições locais. Inicialmente, buscou-se material cartográfico junto à Prefeitura Municipal, onde foi possível obter apenas um mapa urbano. Em seguida, na Secretaria Municipal de Saúde, obteve-se um mapa digital completo do município, que abrange a totalidade do território e apresenta os nomes das comunidades, rios e igarapés, divididos em dez regiões: Aliança, Aparecida, São Pedro, São Joaquim, Sede, Sauá, Ribeirinha, Taperuçu, Perseverança e Patrimônio.

Posteriormente, foram consultados mais dois mapas disponíveis na Biblioteca Municipal: uma carta geográfica detalhando o centro urbano e outro documento com a demarcação das comunidades e dos acidentes hidrográficos. Esses quatro mapas compuseram o corpus cartográfico utilizado na análise, abrangendo tanto a zona urbana quanto a zona rural do município.

3.3 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Com os mapas em mãos, realizou-se a listagem inicial de todos os nomes de comunidades, rios e igarapés presentes no território municipal. Essa primeira lista, intituladas “possíveis nomes de origem indígena”, totalizou 47 topônimos. Após a verificação etimológica nas fontes bibliográficas e dicionários especializados, o número foi reduzido para 40 topônimos confirmados como de origem indígena.

Os nomes para os quais não foi possível determinar a origem linguística com segurança — como Canari, Carataueua, Perpétuo Socorro do Araninga, Pachauateua, São Pedro do Cunarijó, São Raimundo do Ipitinga e Igarapé Jari — foram excluídos da análise final.

Durante a consulta às fontes etimológicas, observou-se variação ortográfica entre as obras. Por exemplo, o topônimo Bacuri aparece grafado como Bacury em Sampaio (1987) e Bacuri em Tibiriçá

(1984), sem diferença semântica entre as formas. Diante disso, optou-se por manter a grafia constante com os mapas originais.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A etapa final concentrou-se na análise linguística e taxonômica dos topônimos correspondentes às comunidades identificadas na área de estudo. Os nomes foram submetidos a um exame etimológico e estrutural, considerando aspectos como origem linguística (tupi, portuguesa ou híbrida), tipo de formação (simples, composta ou híbrida) e classificação taxonômica segundo o modelo proposto por Dick (1990).

Durante a análise, buscou-se identificar padrões de motivação denominativa e recorrências lexicais que revelassem a influência de fatores históricos, religiosos e ambientais sobre o ato de nomear. Assim, elementos de origem tupi frequentemente expressam a observação da natureza, enquanto aqueles de base portuguesa refletem a presença da religiosidade e da cultura luso-brasileira.

Esse processo analítico permitiu compreender a diversidade formal e semântica dos nomes das comunidades, evidenciando as relações entre língua, cultura e território no contexto amazônico, bem como a permanência de traços identitários que se manifestam por meio da toponímia regional.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos topônimos das comunidades de São Domingos do Capim revelou uma forte presença de elementos linguísticos e culturais provenientes tanto da herança indígena tupi quanto da influência religiosa introduzida pelos colonizadores. O estudo identificou 17 topônimos, cujas estruturas e motivações refletem o processo de formação cultural e linguística do município.

Entre as categorias propostas por Dick (1990), destacam-se as taxonomias de natureza antropocultural, especialmente os hagiotopônimos, que representam 35,2% do total, seguidos dos topônimos híbridos (Tupi-Português) e fitotopônimos. Essa predominância é ilustrada no Gráfico 1, que apresenta a distribuição percentual das categorias toponímicas das comunidades campinenses.

Gráfico 1 – Distribuição percentual das categorias topográficas das comunidades de São Domingos do Capim



Fonte: elaboração própria, 2025, com base em Dick, 1990

Os resultados confirmam que o processo de nomeação na região está profundamente enraizado na religiosidade popular, mas também reflete o vínculo com a natureza, característico das culturas indígenas amazônicas.

A seguir, apresenta-se a lista dos 17 topônimos analisados, acompanhados de breve descrição e significado etimológico.

Quadro 1 – Topônimos das comunidades de São Domingos do Capim e seus significados

Comunidade	Significado e classificação
1. Ajará	Do tupi <i>ajará</i> , nome de fruto semelhante ao abiú (Tibiriçá, 1984). Fitotopônimo , de natureza vegetal.
2. Bacuri	De <i>ybá-curi</i> ou <i>ybá-cury</i> , “fruto apressado”, “o que frutifica de pronto” (Sampaio, 1987). Fitotopônimo .
3. Caju	De <i>acaju</i> , “fruto do cajueiro” (Tibiriçá, 1984). Fitotopônimo .
4. Caratateua	De <i>akarata’i + teua</i> , “peixes pequenos em abundância”. Sufixo <i>-teua</i> indica coletividade. Zootopônimo .
5. Invasão do Taperaçu	De <i>ta-puera</i> (“aldeia extinta”) + <i>açu</i> (“grande”) = “grande aldeia extinta”. Híbrido – Poliotopônimo .
6. Itabocal	De <i>itá-boca</i> (“pedra furada”) + sufixo português <i>-al</i> = “lugar das pedras furadas”. Litotopônimo híbrido .
7. Jurujaia	De <i>juru</i> (“boca”) + <i>jaia</i> (“aberta”) = “boca aberta” ou “ostra”. Zootopônimo .
8. Mari	De <i>mari</i> ou <i>umari</i> , “planta da família das leguminosas” (Tibiriçá, 1984). Fitotopônimo .
9. Perpétuo Socorro do Jacundaí	<i>Jacundá</i> (“peixe que se deixa apanhar à mão”) + sufixo <i>-í</i> (“pequeno”). Híbrido com “Perpétuo Socorro”. Hagiotopônimo híbrido .
10. São Benedito do Jaboticacá	De <i>jaboti-cacá</i> , “jabuti parado” (Tibiriçá, 1984). Híbrido com “São Benedito”. Hagiotopônimo híbrido .
11. São Benedito Jurujaia	Combina “São Benedito” com <i>jurujaia</i> (“boca aberta”). Hagiotopônimo híbrido .
12. São Bento do Jaboticacá	“São Bento” + <i>jaboticacá</i> (“espécie de jaboti”). Hagiotopônimo híbrido .

Comunidade	Significado e classificação
13. São João do Sauá	<i>Sauá</i> (“macaco da família dos cebídeos”) (Tibiriçá, 1984). Híbrido com “São João”. Hagiotopônimo híbrido.
14. Santa Rita do Pirateua	De <i>pirá</i> (“peixe”) + <i>teua</i> (“abundância”) = “lugar de muitos peixes”. Híbrido com “Santa Rita”. Hagiotopônimo híbrido.
15. Sauá Grande	<i>Sauá</i> (“macaco”) + “grande” = “macaco grande”. Zootopônimo híbrido.
16. Sauá Mirim	<i>Sauá</i> (“macaco”) + <i>mirim</i> (“pequeno”) = “macaco pequeno”. Zootopônimo.
17. Urucuriteua	<i>Urucuri</i> (“palmeira urucariyba”) + <i>teua</i> (“abundância”) = “lugar de muitos frutos da palmeira urucuri”. Fitotopônimo.

Fonte: Elaboração própria (2025), com base em Dick (1990); Tibiriçá (1984); Sampaio (1987); Cunha (1978).

4.1 HAGIOTOPÔNIMOS E A RELIGIOSIDADE POPULAR

A predominância de hagiotopônimos (35,2%) indica a força da religiosidade cristã na identidade local. Comunidades como São João do Sauá, São Raimundo do Ipitinga e Perpétuo Socorro do Jacundaí mostram como o processo de colonização inseriu o sagrado no ato de nomear, associando santos católicos a elementos indígenas ou geográficos.

Conforme Benchimol (1995, p. 199, apud ANDRADE, 2016, p. 27), os missionários adotaram “uma maneira sincrética de nomeação, na qual o nome dos santos era seguido dos apelidos dos rios”, origem da própria denominação *São Domingos do Capim*. Esse padrão se repete nas comunidades locais, revelando a permanência de um modelo simbólico em que a fé e a paisagem se fundem.

4.2 TOPÔNIMOS HÍBRIDOS (TUPI-PORTUGUÊS)

Os topônimos híbridos expressam a convivência entre duas matrizes linguísticas: o tupi, que traduz a observação da natureza, e o português, portador de valores espirituais e sociais. Dick (1992, p. 14) esclarece que o topônimo híbrido, ou elemento específico híbrido, é “aquele designativo que recebe em sua configuração elementos linguísticos de diferentes procedências; a formação que se generalizou no país é a portuguesa + indígena ou a indígena + portuguesa”.

Essa composição pode ser observada tanto em topônimos simples híbridos, como Buritizinho (córegos em Camapuã), quanto em topônimos compostos híbridos, como Santo Antônio Caeté (lugarejo em Rio Verde de Mato Grosso). Essa formação se manifesta também na toponímia amazônica, onde a fusão de universos culturais distintos revela o diálogo entre o sagrado e o natural.

Em São Raimundo do Ipitinga, por exemplo, o termo tupi ipitinga (“água branca”) alude às águas claras do rio local, enquanto “São Raimundo” acrescenta o elemento religioso de origem portuguesa. Assim, o topônimo híbrido torna-se um símbolo linguístico da integração cultural amazônica, refletindo o que Dick (1990) denomina de interseção cultural no ato denominativo.

4.3 OUTROS TIPOS DE TOPÔNIMOS

Além dos hagiotopônimos e híbridos, foram encontrados topônimos fitotopônimos (Ajará, Bacuri, Mari), que remetem à vegetação típica da região. A presença desses nomes reforça o vínculo entre linguagem e ambiente, mostrando que o nome de uma comunidade muitas vezes traduz sua relação simbólica com o espaço natural e social.

4.4 A MOTIVAÇÃO TOPONÍMICA E A IDENTIDADE AMAZÔNICA

Os resultados obtidos confirmam que os topônimos das comunidades de São Domingos do Capim não são arbitrários, mas profundamente motivados por fatores linguísticos, religiosos e culturais. Cada nome guarda uma narrativa sobre o modo como o homem amazônico interpreta o seu meio, expressando sua relação com a fé, a natureza e a coletividade.

Conforme Dick (1990, p. 22), “os topônimos são verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população”. No caso de São Domingos do Capim, esses testemunhos linguísticos revelam uma identidade marcada pelo sincretismo, pela convivência entre o sagrado e o natural, e pela permanência da herança tupi na linguagem cotidiana.

Assim, os nomes das comunidades constituem símbolos da memória coletiva e da resistência cultural amazônica, reafirmando que nomear é, antes de tudo, um ato de preservar — a língua, a fé e o território.

5 CONCLUSÃO

A análise dos topônimos das comunidades de São Domingos do Capim permitiu compreender como a língua e a cultura se entrelaçam na nomeação dos lugares, revelando a convivência entre o legado indígena tupi e a influência da religiosidade cristã. O estudo evidenciou que os nomes de comunidades não são apenas designações geográficas, mas símbolos vivos de identidade, memória e história coletiva, capazes de registrar transformações linguísticas e culturais ocorridas ao longo dos séculos.

Os 17 topônimos de origem indígena identificados neste trabalho revelam a profunda ligação do homem amazônico com o ambiente natural, expressa nos fitotopônimos e zootopônimos, e, ao mesmo tempo, a presença marcante da fé cristã, observada nos hagiotopônimos híbridos, em que nomes de santos coexistem com vocábulos tupis. Essa combinação, longe de ser um simples acidente linguístico, constitui um exemplo notável do sincretismo cultural e religioso que caracteriza a Amazônia: um espaço em que o sagrado e o natural se unem para formar uma toponímia singular.

Conforme assinala Dick (1990), os topônimos são “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências que ultrapassam o ato da nomeação. Em São Domingos do Capim, eles testemunham tanto a resistência da herança indígena — ainda perceptível na sonoridade e nos significados das palavras — quanto a consolidação da fé católica trazida pelos colonizadores e missionários. A observação de Benchimol (1995, p.199, apud Andrade, 2016, p.27), ao afirmar que “os missionários adotaram uma maneira sincrética de nomeação, na qual o nome dos santos era seguido dos apelidos dos rios”, sintetiza com precisão essa fusão simbólica entre o espiritual e o territorial.

Desse modo, os resultados deste estudo confirmam que os nomes das comunidades de São Domingos do Capim são produtos de um diálogo histórico entre culturas — o tupi e o português, o indígena e o cristão — que, em vez de se anularem, se complementam e formam uma expressão genuína da identidade amazônica. Cada topônimo carrega, portanto, um fragmento da memória dos povos que habitaram a região, funcionando como uma marca linguística que resiste ao esquecimento e reafirma o pertencimento dos sujeitos ao seu espaço.

Conclui-se, assim, que a toponímia é mais do que um campo da linguística: é um instrumento de valorização da memória, da cultura e da espiritualidade dos povos. Em São Domingos do Capim, o estudo dos topônimos permite não apenas mapear a influência das línguas indígenas, mas também compreender como a fé e a tradição se inscrevem na paisagem e na fala das comunidades, perpetuando, pela palavra, o elo entre o homem, o território e o sagrado.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, K. S. Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins – Projeto ATITO. 2006. 187 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- CUNHA, A. G. Dicionário Histórico de Palavras de Origem Tupi. Prefácio- Estudo de Antônio Houaiss. 4. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e antropónímia no Brasil: coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.
- FERMINO, Filipe Siqueira, RODRIGUES, Catarina Vaz. Toponímia Capixaba: Estudos dos Nomes de Municípios Capixabas de Origem Tupi. in: Revista Philologus, Ano 20, N° 58 – Supl.: Anais do VI SINEFIL. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2014
- IBGE. São Domingos do Capim (PA) – Panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/sao-domingos-do-capim/panorama>>. Acesso em: 25 out. 2025.
- PEREIRA, Rogério. Capim, sua história, contos e mitos. Projeto: Resgate Cultural do Capim 1.ed. São Domingos do Capim: Cartopack Indústria Gráfica Ltda, 1998.
- ROCQUE, Carlos (org.). Grande Enciclopédia da Amazônia (6 vol.). Belém do Pará: Amazônia Editora Ltda, 1968.
- RUIZ, Roberto Rojas, ALENCAR, Jurandyr da Cruz. Comportamento fenológico da palmaira patauá (*Oenocarpus bataua*) na reserva florestal de Adolpho Ducke, Manaus, Amazonas, Brasil. Manaus.in: Acta Amazônica, vol. 34(4) 2004: 553 – 558.
- SAMPAIO, Teodoro. O Tupi na Geografia Nacional. Introdução e notas de Frederico G. Edelweiss. 5.ed. São Paulo: Editora Nacional; [Brasília, DF]: INL, 1987.
- TIBIRIÇÁ, Luís Caldas. Dicionário tupi-português: com esboço de gramática de tupi antigo. 2. ed. Santos: Traço, 1984.